

*

O DIALOGISMO NA LINGUAGEM IMAGÉTICA DA CHARGE

THE DIALOGISM IN THE IMAGETIC LANGUAGE OF THE CHARGE

Vania Maria Medeiros de Fazio Aguiar¹
Miriam Bauab Puzzo²

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar as relações dialógicas entre um enunciado do gênero charge e o contexto imediato como subsídio para os professores de Ensino Médio na tarefa de orientar os alunos a uma leitura crítica dos textos midiáticos. Como base foi utilizada a teoria dialógica de Bakhtin (2003) sobre os gêneros discursivos. Também foram utilizadas concepções teóricas baseada em Melo (2003), em Romualdo (2000) e em Dondis (2007). Como modelo de pesquisa, foi selecionado um exemplar extraído do jornal *Folha de S. Paulo*, de 15 de agosto de 2010. Procura-se observar nas escolhas imagéticas os sentidos que circundam o enunciado e a relação sócio-político-cultural que o envolve, além do tom avaliativo adotado, considerando-se o leitor pressuposto do jornal e o contexto vigente

Palavras-chave: relações dialógicas; textos midiáticos; gênero charge.

Abstract: The objective of this paper is to present the dialogic relationship between an utterance of the genre charge and immediate context as support for teachers of high school, the task of guiding students to a critical reading of media texts. As a basis it was used the theory of dialogic Bakhtin (2003) about the genres. Also used were based on theoretical conceptions Melo (2003), Romualdo (2000) and Dondis (2007). As research model, it was selected a sample extracted from the newspaper *Folha de S. Paulo*, the 15th of August 2011. Looking observe the choices imagery surrounding the senses and the statement regarding socio-political-cultural that involves, besides the adopted evaluative tone, considering the premise of the newspaper reader and immediate context.

Keywords: dialogic relationship; media texts; genre charge.

Introdução

¹ Mestre em Linguística Aplicada. UNITAU. vaniafazioaguiar@yahoo.com.br

² Professora Doutora do Departamento de Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté (UNITAU); puzzo@uol.com.br

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

Nos tempos atuais, em que as informações chegam de maneira muito rápida e diversificada, visto o grande e avassalador desenvolvimento em todas as áreas do conhecimento, a leitura com consciência crítica é um grande desafio para os aprendizes que cursam o Ensino Médio. As diversificadas estratégias de manipulação utilizadas pelos veículos de informação e os diversos modos de apresentação de notícias e opiniões, refletem suas ideologias com o objetivo de influenciar o receptor, o que confirmamos com Bakhtin (2009, p. 33), quando afirma que “cada campo de criatividade tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira”. Podemos dizer, então, que nesta variedade encontra-se uma rica fonte de estudos.

Para os PCN (2000), pensar um novo currículo para o Ensino Médio coloca em presença as mudanças estruturais que decorrem da chamada “revolução do conhecimento”, alterando o modo de organização do trabalho e as relações sociais. Assim, faz-se necessário um novo olhar a todas as possibilidades que possam visar ao entrosamento e crescimento na área escolar, cabendo uma nova postura em que o acompanhamento às transformações é imprescindível para que uma consciência crítica possa ser desenvolvida. “A consciência só se torna consciência quando ela impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente somente no processo de interação social” (BAKHTIN, 2009, p. 34).

O estudo dos gêneros com aplicativos na área educacional promete uma mudança de postura no ensino de Língua Portuguesa pela sua amplitude em todos os segmentos, alcançada por meio de observações analíticas, discursivas e linguísticas, capazes de fazer perceber as intenções inseridas no discurso, contribuindo na visão crítica dos aprendizes. De acordo com os PCN (2000, p. 5-6), propõe-se, no nível do Ensino Médio,

a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização. São estes os princípios mais gerais que orientam a reformulação curricular do Ensino Médio e que se expressam na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96.

Um enunciado da mídia impressa, em particular, dependendo de cada ideologia em que se baseia determinado veículo, traz impregnada a direção que o enunciador pressupõe

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

seu leitor assumir, não podendo, segundo Melo (2003), ser desvinculada do universo de expectativas da coletividade a que pretende atender/influenciar. A intenção da imprensa, especialmente do jornal diário, é levar a informação ao leitor buscando uma determinada postura frente ao mundo em que vivemos (AGUIAR, 2004). Para promoverem a que se destinam, os sentidos refletidos nos enunciados devem corresponder ao universo cultural do leitor a fim de haver uma possibilidade de uma correspondência ideológica passível de uma resposta ação, tornando-se, o jornal, portanto, segundo Romualdo (2000) um mediador entre o público e os fatos na construção de uma realidade reproduzida.

Um enunciado do gênero charge pode ser entendido como uma concretização ideológica veiculada, que se dispõe a persuadir o leitor. Podemos dizer, então, que realizada, a sua análise está muitas vezes relegada à História, à Sociologia ou à Política (COIMBRA, 1993), devido ser o contato com o mundo, de acordo com Puzzo (2009, p. 474),

mediado principalmente pelas imagens de impacto que se distribuem em páginas de jornal, capas de revista, noticiários de TV, entre outros. A força dessas imagens é tão viva que sua apreensão é feita como se elas fossem a realidade concreta, pois é difícil duvidar do que se vê. Entretanto, refletindo sobre essa questão há diferenças substanciais na forma como tais imagens são captadas e reproduzidas.

Ler um texto visual, para Aguiar (2004), é sempre considerar que o conteúdo se submeta às coerções do material plástico e que essa materialidade também significa. “O entendimento dessas forças amplia o campo da experimentação e da interpretação tanto para o criador quanto para o observador, e os leva a um conjunto [...], capazes de unir mais estreitamente a realização e o significado” (DONDIS, 2007, p. 189). Compreender/interpretar um enunciado do gênero charge requer, dessa maneira, uma competência que pode ser desenvolvida durante o período escolar.

As competências desenvolvidas como metas da formação dos aprendizes “podem responder a uma demanda social dirigida para a adaptação ao mercado e às mudanças e também podem fornecer os meios para apreender a realidade e não ficar indefeso nas

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

relações sociais” (PERRENOUD, 1999, p. 32). A familiaridade com gêneros midiáticos pode facilitar este direcionamento, pois refletem e refratam as ideologias circundantes.

Para Dolz e Scheunewly (1999) no caminho a percorrer deve-se estar atento às capacidades dos alunos, às finalidades e objetivos da escola, aos processos de ensino/aprendizagem e à coerência dos conhecimentos em função dos objetivos visados. A necessidade de convencimento gerada na comunicação faz da mídia uma grande arena de posturas ideológicas onde são colocadas em práticas estratégias surpreendentes para apresentar fatos diários, diversificando as formas de linguagens. É preciso, pois, uma atenção especial a tais linguagens.

Assim, este trabalho visa a apresentar o dialogismo existente entre o gênero charge e contexto sócio-histórico como subsídio para os professores de Ensino Médio na tarefa de orientar os alunos para desenvolverem a habilidade de análise e julgamento desse gênero, a fim de conduzi-los a interpretar e a julgar criticamente um dos diferentes modos de apresentação de notícias.

Para a sua realização utilizamos um exemplar do jornal *Folha de S. Paulo*, do dia 15 de agosto de 2010 em que foram aplicados os principais conceitos que abrangem o estudo dos gêneros discursivos na visão bakhtiniana, possibilitando, assim, analisar as relações de sentido do enunciado verbovisual, sendo observados alguns elementos de sua composição, considerando-se o contexto sócio-político-cultural.

Referencial teórico

No século XIX, a linguagem era colocada como algo secundário, independente da comunicação. Sendo passivo o papel do ouvinte, a linguagem era subestimada na sua função comunicativa, foco de estudo do Círculo de Bakhtin, em que o outro, o ouvinte, tem participação ativa na interação comunicativa. O falante, organizando sua enunciação nos parâmetros previstos para que haja uma comunicação, espera uma ativa posição responsiva por parte de seu ouvinte, concretizando a alternância dos sujeitos do discurso e dessa forma limitando cada enunciado concreto, realizado sob a influência dos enunciados antecedentes

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

e prolongado pelos enunciados responsivos. Cada enunciado, para Bakhtin, (2003, p. 272) “é um elo na corrente completamente organizada de outros enunciados”.

Os seres humanos em suas atividades interagem sócio-histórico-culturalmente, dentro de determinada esfera social, tocando os milhares de fios dialógicos tecidos pela consciência ideológica. Essas ideias são transmitidas pelo estilo, pelo conteúdo temático e pela construção composicional inseridos em sua enunciação, relativamente estáveis, pois são determinados pelas condições específicas e pela finalidade de cada esfera de ações em constante modificação pelas necessidades imediatas. A interconexão da linguagem com a vida social ocasiona novas maneiras de ver a realidade, implicando o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes. Para que haja uma compreensão pelas partes (eu/outro/outros), acontecem fenômenos que se misturam, compartilham e se recriam quando se reconhecem como constituintes da interação através do discurso. Assim, são apresentadas ao sujeito várias formas de enunciados. Ao elaborar a sua enunciação, o seu ponto de vista é manifestado de acordo com seu horizonte social e sua reação a ele, esperando uma resposta de seu interlocutor. “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (Bakhtin, 2003, p. 268)

Na comunicação, o enunciador incorpora a voz ou as vozes de outro(s) enunciado(s), direcionando particularidades discursivas ou textuais ao interlocutor. Suas escolhas vão depender da imagem que aquele faz de seu interlocutor, estabelecendo aí o seu estilo individual.

A mídia impressa, por meio de suas escolhas, visando à responsividade de seu leitor, propõe a direção valorativa do órgão responsável. Dessa maneira, faz-se necessário que a leitura midiática seja realizada de maneira significativa, podendo se transformar numa mola diretriz para qualificar o aluno a participar da sociedade como agente modificador. Para Geraldi (2007, p. 43) “é impossível prever todos os sentidos que a leitura produz. [...] um texto, uma vez nascido, passa a ter histórias que não são a reprodução de sentidos sempre idênticos a si mesmos. É preciso vir carregado de palavras para o diálogo com o texto”.

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

De acordo com Bakhtin (2009, p. 38), a palavra “está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação”. Estas palavras que carregamos multiplicam as possibilidades de compreensão do texto (e do mundo) porque são palavras que, sendo nossas, são dos outros, e estão dispostas a receber, hospedar e modificar-se face às novas palavras que o texto nos traz (BAKHTIN, 2003). Dessa forma, para um melhor entendimento de um enunciado midiático, faz-se necessário certo aparato sobre o contexto e suas representações. Nas palavras de Bakhtin (2009, p. 117):

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um *auditório social* próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações etc.. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica [...] (grifo do autor).

O sentido das palavras está no momento histórico e real em que elas são proferidas, visto terem elas a propriedade de recriação, graças à possibilidade de sentidos vários, pelas singularidades dos sujeitos e dos processos constitutivos da linguagem, que desestabilizam as possíveis interpretações. Seguindo os ensinamentos do Círculo de Bakhtin, Irene Machado (2010) confirma que o espaço das relações dialógicas se define em função das interações em jogo no campo de visão e naquilo que o excede. A estudiosa da linguagem afirma:

O tempo dialógico é examinado na dinâmica do texto social da cultura onde as manifestações podem ser situadas em seu caráter conceitual, atual e sensorial. O tempo dialógico pode ser assim dimensionado pelas condições antropológicas. [...]. Tempo e espaço [...] são transformações semióticas de vivências em sistemas culturais produtores de sentido (MACHADO, 2010, p. 209).

A escolha da materialidade verbovisual realizada pelo artista nos mostra que a charge escolhida para a análise dialoga com duas correntes através do tempo e do espaço numa visão cronotópica. Para Bakhtin (2010a, p. 211), no cronotopo artístico-literário, “ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto”. Assim, para promoverem a que se destinam, os sentidos refratados nos enunciados devem corresponder ao universo cultural do leitor, a fim de haver uma possibilidade de uma

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

correspondência ideológica passível de uma resposta ação, tornando-se, o jornal, portanto, segundo Romualdo (2000) um mediador entre o público e os fatos, na construção de uma realidade reproduzida. Para Aguiar (2004), uma linguagem cria uma realidade que pode ter sentidos diferentes para pessoas diferentes, dependendo da competência da qual se faz uso, organizando sentidos através de sistemas de signos, aceitos e conhecidos pelos integrantes do ato de comunicação, promovendo a interação.

“As várias formas típicas de direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiares constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 305). E essas diretrizes definem a forma do enunciado para a apresentação de determinada enunciação, com certa visão valorativa, como o gênero charge. A elaboração manual (do texto chárstico), segundo Cagnin (1975 apud ROMUALDO, 2000, p. 23), “revela uma intencionalidade do desenhista na emissão do ato sêmico e transforma o desenho em mensagem icônica, carregada em si, além das ideias, a arte, o estilo do emissor”.

Além disso, a charge se diferencia dos outros textos do gênero opinativo por usar constantemente o humor e transmitindo muitas informações de forma condensada, contendo a expressão de uma opinião sobre determinado acontecimento, que deve ser importante. Ela pode aparecer em outros espaços do jornal, relacionando-se com notícias, comentários, artigos, editoriais, fotos etc., cabendo ao leitor inteirar-se da mensagem transmitida por meio da recuperação desses intertextos. “O desenho humorístico é indispensável aos órgãos da imprensa de largo público” (BELTRÃO, 1960 apud ROMUALDO, 2000, p. 15), pois a charge atrai o leitor por transmitir de maneira leve e original, tornando-se um veículo de persuasão indireta e com acesso mais livre para influenciar o leitor.

Para a fundamentação teórica de sua análise, a fim de considerar a charge um texto como os outros textos verbais, Romualdo (2000) foi buscar em Fávero e Kock (1988 apud ROMUALDO, 2000) que texto é qualquer tipo de comunicação realizado através de signos, e em Beaugrande e Dressler (1981 apud ROMUALDO, 2000) que a responsabilidade pela textualidade são: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade,

situacionalidade e intertextualidade. Assim, formando um todo de sentido transmitido pelas relações entre os diversos elementos gráficos, o desenho chárstico se constitui num texto *coerente e coeso*, em que os chargistas “colocam neles suas opiniões, suas críticas a personagens políticos (*intencionalidade*)” (ROMUALDO, 2000, p. 18). A *situacionalidade* pode ser compreendida na localização da charge no jornal, que na *Folha de S. Paulo* encontra-se na página de opinião, sendo esperado seu posicionamento crítico sobre o assunto abordado. A *aceitabilidade* é uma regra textual encontrada na charge pelo fato de o leitor interpretá-la usando os conhecimentos que a leitura desse tipo de texto exige, que no caso do jornal *Folha de S. Paulo* que possui um discurso pluralista, permite uma leitura plural também do texto chárstico por meio dos conhecimentos prévios do leitor ou veiculados pelo próprio jornal, consumando-se a *intertextualidade*.

Pelo reconhecimento das configurações da charge em outros textos produzidos pelo próprio jornal ou por outros veículos, podemos considerar a presença da multiplicidade de vozes, pois há uma relação simultânea com as vozes inseridas nos textos verbais, além das outras vozes circundantes nos ambientes de determinada esfera social, dando a possibilidade ao leitor de relacioná-las no tempo e no espaço, facilitando a interpretação. Podemos, também, contemplar a *carnavalização* na concepção bakhtiniana na representação chárstica, com suas configurações contrastantes como as do carnaval, pela visão de vida com leis rígidas, por um lado, e outra visão com liberdade, com o riso, em que todos participam ativamente. No carnaval, o comportamento, o gesto e a palavra do homem, segundo Bakhtin (2010b, p. 140),

libertam-se do poder de qualquer posição hierárquica (de classe, título, idade, fortuna) que os determinava totalmente na vida extracarnavalesca, razão pela qual se tornam excêntricos e inoportunos do ponto de vista da lógica do cotidiano não carnavalesco.

A presença da *ironia* também é observada pela caracterização simultânea dos contrários e pela coexistência dos tempos. Como em um jogo, o chargista faz duas afirmações em oposição: sobre o sentido literal recai uma voz que nega ou contradiz o sentido original, apenas compreendido quando o contexto é considerado. A postura irônica

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

está diretamente relacionada a valores sociais, culturais, morais etc., provocando efeitos de sentido de forma histórica e social, utilizados, geralmente, com fins de denúncia. Durante o processo de enunciação irônica pode ser deflagrado um humor representativo em suas entrelinhas, instaurado por vários interlocutores. A charge incluída nessa pesquisa é um exemplo de ironia interdiscursiva na representação de um momento crítico na área educacional, em que o artista recorre a materiais específicos para a construção de sua obra como uma resposta aos discursos circundantes.

Ao sublinhar os traços mais marcantes de uma personagem, a caricatura demonstra seu valor real, que não está somente em sua intensidade ou no aperfeiçoamento de seu grafismo, mas no que ela nos sugere e nos faz pensar, levando-nos a um julgamento de valor. Na charge, a caricatura é um meio de mostrar os defeitos velados dos caricaturados. De acordo com o autor de *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia* (ROMUALDO, 2000, p. 26), a caricatura “consiste no exagero proposital das características marcantes do indivíduo”, podendo ser apresentada isoladamente ou ser constituinte da charge.

Além de todos os elementos gráficos possuidores de sentido, o elemento linguístico na charge passa a ter função figurativa quando o desenhista na sua elaboração manual atribui aos balões - com as falas respectivas - e às letras, as formas mais distintas para indicar as diferentes intenções e mensagens a serem transmitidas.

A pluralidade de segmentos constitutivos da charge não condiz a uma leitura única. “Para analisar e compreender a estrutura total de uma linguagem visual é conveniente concentrar-se nos elementos visuais individuais, um por um, para um conhecimento mais aprofundado de suas qualidades específicas” (DONDIS, 2007, p. 53). Por meio de elementos gráficos diversos, a charge busca revelar para o público leitor, através do humor, o que está inserido nos bastidores do mundo político, refletindo a ideologia constitutiva do órgão de imprensa, que somada à presumida postura do leitor, permite a ele a responsividade esperada.

A possibilidade das várias leituras que a charge permite torna-a uma fonte de posições valorativas, dando condições para o leitor relacioná-la dialogicamente. “Sua força

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

está na ambivalência, na pluralidade de visões que apresentam ao leitor” (ROMUALDO, 2000, p. 53). O suporte contextual, segundo Romualdo (2000, p. 25),

exerce grande importância para a compreensão da caricatura e da charge, pois elas só alcançarão o seu efeito na medida em que o referente for conhecido e as demais circunstâncias, incluindo as situações ou fatos políticos aos quais elas se referem, também o forem. Se isso não acontece, o seu sentido se esvai.

Dessa forma, ao analisarmos dialogicamente o gênero charge, reiteramos as palavras de Bakhtin (2003, p. 301): “Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero”, pois segundo Brait (2005, p. 147), “nele coexistem diversificadas formas de pensar o mundo e a história humana. [...] São depositários de formas particulares de ver o mundo, de consubstanciar visões de mundo de épocas históricas”.

As charges, de acordo com Romualdo (2000, p. 53), “não têm a intenção de promover uma única leitura, não abafam as várias visões em uma única. Sua força está na ambivalência, na pluralidade de visões que apresentam ao leitor”, possibilitando a várias leituras que o enunciado verbovisual permite, tornando-o uma fonte de posições valorativas.

Assim, podemos dizer que refletindo a posição da teoria do Círculo de Bakhtin, uma das finalidades dos PCN (2000, p. 33) é “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”; em outras palavras, dar subsídios para o educando ser competente. De acordo com Eco (1996), precisamos de uma nova forma de competência crítica, para que possamos participar ativa e criticamente na sociedade a que pertencemos. Podemos adquirir o treinamento para tal capacidade com o ensinamento dos gêneros discursivos como bem colocaram Dolz e Schneuwly (1999), que para Brito (2004), nada mais são do que ações sócio-discursivas para agir o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo.

Baseado nesses pressupostos teóricos foi estabelecido o dialogismo entre a charge e o contexto vigente de um exemplar selecionado do jornal *Folha de S. Paulo*, do dia 15 de agosto de 2010.

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

Relações dialógicas entre charge e contexto

A charge em questão mantém uma relação intertextual com a reportagem publicada no Jornal *Folha de S. Paulo*, do dia 13 de agosto de 2010, (caderno Cotidiano, p. 1; 3), em anexo no final dessa pesquisa, com o título *SP paga R\$ 50 a aluno que for a reforço de matemática*, com depoimentos de educadores, como por exemplo: “Parece que está sendo dado um brinde aos que vão mal”. O chargista, por sua vez, expôs o conteúdo em uma situação escolar, estabelecendo relações dialógicas com o contexto imediato.

O jornal *Folha de S. Paulo*, com o objetivo de enfatizar a opinião, utiliza a ilustração gráfica num diálogo entre os discursos. Essa condição de divulgação de opiniões acerca de um mesmo assunto permite ao leitor fazer uma correlação com o acontecimento real que deu origem ao enunciado e os valores éticos refratados pelo artista no tempo e no espaço e transformados em figuras ilustrativas.

A charge, quando ilustrativa de um enunciado verbal, torna-se uma simplificadora das ideias nela contidas, exercendo um papel de facilitadora da compreensão dos acontecimentos. Para Mozdzenski (2008, p. 22), “o processamento textual das informações só pode se concretizar com a leitura integrada do texto verbal e do material visual [...]. Caso contrário, a leitura lacunosa poderá afetar significativamente a compreensão da unidade global do texto”.

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).



Figura: Charge

Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo*, Opinião, 15 de agosto de 2010.

Para uma melhor compreensão, será apresentado um pequeno esquema dos fatos da época em que o enunciado foi publicado e que influenciaram o contexto escolar:

- “Exames estaduais e nacionais mostram que matemática é o ponto mais crítico do ensino público, tanto em São Paulo como no país”. (PAGNAN; TAKAHASHI, *Folha de S. Paulo*, 13/08/2010, C1).
- Apresentação de um projeto prevendo pagamento de vale-presente a alunos da rede pública de ensino que fizessem e dessem aulas de reforço de matemática.
- A iniciativa foi fruto de uma parceria entre a Secretaria de Estado da Educação, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), professores da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadores da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe).
- A falta de investimentos na Educação pública é de conhecimento de todos.
- Parte da sociedade carente brasileira é apadrinhada pelo Governo de maneiras diversas a fim de amenizar o seu pouco ganho salarial.
- O ano de 2010 foi ano de eleições para governadores.

A materialidade verbovisual

Para a análise da enunciação da charge, podemos dizer que está baseada nos pontos de vista do chargista sobre os textos, os discursos e as várias vozes do universo político e escolar realizados de maneira axiológica e acrescidos da visão presumida do leitor. Por ser a charge carregada de simbolismos, sua compreensão demanda conhecimento dos fatos e habilidade de interpretação das imagens visuais.

A análise dialógica baseada nos estudos de Bakhtin e do Círculo nos permite observar que cada elemento gráfico que compõe a charge, do mais visível ao mais sutil, está carregado de sentido. “Para analisar e compreender a estrutura total de uma linguagem visual é conveniente concentrar-se nos elementos visuais individuais, um por um, para um conhecimento mais aprofundado de suas qualidades específicas” (DONDIS, 2007, p. 53).

A composição das informações importantes para a leitura da charge está realizada à esquerda, onde, segundo Dondis (2007) há o favorecimento de qualquer campo visual. No caso são o título *Estado vai dar 50 reais para aluno fazer aula de reforço* e o desenho de uma falha na parede, na altura do piso, podendo ser consequente da falta de manutenção. Essas imagens podem indicar uma desconstrução numa leitura vertical do desencontro da proposta do governo, que é recompensar monetariamente o que deveria ser uma obrigação do aluno e a realidade escolar em toda a penúria em que se encontra a escola atual pela falta de investimento necessário.

O elemento linguístico da presente charge passa a ter função figurativa com letras em caixa alta e em negrito no título: **ESTADO VAI DAR 50 REAIS PARA ALUNO FAZER AULAS DE REFORÇO**, como um grito de alerta, uma chamada de atenção ao que está acontecendo no âmbito escolar.

Também, na elaboração manual do balão de linha comum o desenhista indica a fala do menino, utilizando letra em caixa alta: **PASSA A RESPOSTA ERRADA?**. Podemos conjecturar uma posição valorativa de comando em um tom de voz normal, por não estar a configuração em negrito - indicativo de atenção ao termo - assumindo uma postura que não condiz com uma ação digna de um bom aluno, mas que tem permissão para realizar tal

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

atitude, pela posição valorativa assumida pelo Estado com referência ao ensino público, com sua proposta financeira, exposta no título da charge.

Podemos observar no nivelamento compositivo, de acordo com Dondis (2007), o equilíbrio da charge na figura do menino infrator desenhado ao centro, remetendo-nos à evidência da intenção do artista que é chamar atenção ao problema que, possivelmente, terá como consequência ao que o Estado pretende fazer, que é a deturpação dos valores morais e éticos, para o fato da possibilidade de alguns alunos pretenderem forçar notas baixas para poderem participar do projeto.

Observamos também as cores utilizadas pelo artista como:

1. na moldura do quadro em amarelo – cor quente que podemos entender como certa atenção às tecnologias didáticas da atualidade que não são investidas pelo Estado, estando o quadro negro e o giz ultrapassados;
2. nos cabelos das crianças em vermelho – cor quente, vibrante, podendo nos remeter à indisciplina dos alunos, atualmente em algumas salas de aula;
3. o fundo do desenho em cor amarela, que mesmo em tom pastel, pode indicar um sinal de alerta à situação do ensino público.

A cor, para Dondis (2007, p. 64), “está de fato, impregnada de informação, e é uma das mais penetrantes experiências visuais que temos todos em comum. [...] a cor oferece um vocabulário enorme e de grande utilidade para o alfabetismo visual”.

Pelos desenhos realizados exageradamente, caracterizando formas e traços particulares, a caricatura manifesta humorística e até satiricamente pontos de vista sobre os acontecimentos do dia a dia. Na caricatura do professor, o artista utiliza:

- linhas curvas para baixo, na configuração dos olhos, como se estivessem fechados, podendo dar a entender como fechados para o caos que está acontecendo na sua sala de aula, em decorrência do almejado abono;
- a linha curva para cima no desenho de sua boca pode indicar pouco caso, após sua fala de ordem para realizar determinada tarefa, representada por duas linhas que saem de sua direção, indicando movimento; o seu braço voltado para trás pode ser analisado como sendo de inércia ao que está acontecendo.

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

- duas linhas retas paralelas e uma perpendicular representam a extensão da barriga do professor, podendo ser um indicativo de falta de energia física ou moral para lidar com o que ocorre em sua sala de aula.

Para Dondis (2007, p. 57), “a linha reflete a intenção do artífice ou artista, seus sentimentos e emoções mais pessoais e, mais importante que tudo, sua visão”.

As linhas utilizadas pelo artista retratam o assoalho em tábua corrida como projeto antigo, do passado, assim como os prédios onde funciona grande parte das escolas públicas.

Acima da cabeça da criança localizada à esquerda da charge o desenhista utilizou algumas linhas soltas, enfatizando o esforço do aluno para solucionar a sua tarefa, podendo nos remeter à ideia de falta de base para a sua aprendizagem, o que é comum presenciar nas escolas públicas.

No chão, desenhos como uma ponta de cigarro e um pedaço de papel podem representar a falta de pessoal de limpeza, que sendo hoje um serviço terceirizado, podem dar a entender como uma denúncia da má utilização das verbas para tal finalidade.

Dessa forma, o desenhista, através de sua enunciação, delata o modo como se encontra a escola pública pela falta de investimento necessário, quando configura a falha na parede da sala de aula – indício de negligência; o piso em tábua corrida - sinal de tempos antigos; a postura do professor: impessoal e descompromissada; o quadro negro e o giz – tecnologia didática ultrapassada; a postura do aluno na tentativa de burlar o próprio Estado, tirando notas baixas somente para fazer parte do programa de reforço.

Por outro lado, o governo, por meio de sua nova proposta para estimular o aluno para o aprendizado, assume a condição de apadrinhar mais uma vez o aprendiz carente, desta vez nos estudos, quando anuncia um possível abono financeiro a quem realizar o que deveria ser sua obrigação: dar conta de seus estudos para o seu próprio progresso como indivíduo e, também, valorizar o dinheiro da população trabalhadora que arca com todas as despesas de seu aprendizado, através de impostos.

Sobre a voz do Estado “remunerar o aluno que não conseguiu aprender” há uma segunda voz, a do chargista, que desconstrói esse discurso, desqualificando-o. O artista ironiza a situação utilizando a oposição entre o elemento pictórico e o verbal enfatizando as

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

deficiências da educação pública que deveriam ser supridas por meio de investimentos do Estado na conservação do patrimônio, na tecnologia didática, na preparação do professor, na retidão dos valores morais. Estabelece-se, dessa forma, uma cumplicidade entre o enunciador da charge e o enunciatário, favorecendo a compreensão daquilo que o locutor propõe, numa expectativa de resposta em forma de ação participativa no contexto escolar. Para Brait (2008, p. 62), “no caso da ironia, o enunciador qualifica o enunciatário como capaz de perceber o índice e participar da construção da significação irônica”.

Com a afirmação de Dondis (2007, p. 99) “a forma segue a função”, podemos concluir que a intenção do artista, nas formas de sua informação verbovisual, foi mais geral e abrangente pela complexidade das possíveis interpretações que podem surgir, dependendo do universo de informações do leitor. “A charge, enquanto mensagem icônica, não será recebida e decodificada se não levarmos em conta os diversos contextos necessários para que isso aconteça” (ROMUALDO, 2000, p. 23), pois ela é um enunciado e como tal é um elo na cadeia da comunicação discursiva, respondendo de uma forma ou de outra aos enunciados que a antecederam (BAKHTIN, 2003).

Conclusão

Procurando relacionar os sentidos que circundam um enunciado pertencente à mídia impressa com o contexto vigente podemos auxiliar nossos aprendizes a compreender/interpretar as diversas formas de apresentação dos acontecimentos.

Por meio da análise dialógica foi possível observar, na linguagem verbovisual, as relações de sentido com o contexto imediato, assim como respondem ao leitor pressuposto do jornal a respeito dos investimentos na educação pública.

Esperamos que esse estudo desenvolvido sob a perspectiva dialógica da linguagem venha a acrescentar ao profissional de educação sugestões de análise das linguagens midiáticas, auxiliando os aprendizes na formação de um julgamento crítico das opiniões apresentadas pela mídia impressa, colaborando na concretização dos Parâmetros Curriculares Nacionais, além de estimular futuras pesquisas nos estudos da Linguística Aplicada.

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009.
- _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto G. Júnior, Helena S. Nazário e Homero F. de Andrade. São Paulo: HUCITEC, 2010a.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Beth Brait (org.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.
- _____. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- BRASIL, Secretaria de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2000.
- BRITO, Eliana Vianna. Diferentes leituras do discurso publicitário no contexto escolar. In: BRITO, E.V. (org.), *Escola e Mídia Impressa: diferentes leituras*. Taubaté, São Paulo: Cabral, 2004, p. 47-62.
- COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa*. São Paulo: Ática, 1993.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Tradução de Glaís Sales Cordeiro In: *Revista Brasileira de Educação*. ANPED n. 11, mai/jun/jul/ago, p.5-16, 1999.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*; tradução Jefferson Luiz Camargo. 3ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGUIAR, Vania Maria Medeiros de Fazio; PUZZO, Miriam Bauab. O dialogismo na linguagem imagética da charge. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 131-150, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

GERALDI, João Wanderley. Uma oferta de contrapalavras. In: *O espelho de Bakhtin*. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

MACHADO, Irene. A questão espaço temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Luciene de Paula; Grenissa Stafuzza (org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

MANUAL de Redação: Folha de S. Paulo. 16ª ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MOZDZENSKI, Leonardo. *Multimodalidade e gênero textual: analisando criticamente as cartilhas jurídicas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Tradução Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PUZZO, Miriam Bauab. A Fotografia em capas de revista e a constituição do sentido. In: *Congresso de Leitura do Brasil*. 17º. 2009. Campinas. Anais do 17º COLE. Campinas, SP: ALB, 2009. Disponível em <http://www.alb.co.br/portal.html>. Acesso em 23/09/2011.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: Eduem, 2000.

TEIXEIRA, Lúcia. Leitura de textos visuais: princípios metodológicos. In: *Língua portuguesa: lusofonia – memória e diversidade cultural*. (Org.) BASTOS, Neusa Barbosa. São Paulo: EDUC, 2008. pp. 299-306. ISBN: 978-85-283-0379-7.

ANEXO 1

SP paga R\$ 50 a aluno que for a reforço de matemática

Projeto abrange estudantes de 6º e 7º ano com dificuldade na disciplina

“Vale-presente” começa a ser testado com 1.200 alunos da rede estadual; dinheiro será entregue para o próprio aluno

ROGÉRIO PAGNAN
FÁBIO TAKAHASHI
DE SÃO PAULO

O Governo de São Paulo vai pagar até R\$ 50 a alunos do ensino fundamental (11 e 12 anos) com notas baixas que participem de aulas de reforço em matemática — disciplina em que os resultados da rede estadual são piores.

O dinheiro será dado diretamente ao estudante, e não a sua família. O valor é proporcional à presença nas atividades, realizadas duas vezes por semana, em sessões de 90 minutos, por três meses. Se não faltar nenhuma vez, o aluno ganha R\$ 50 ao final do período.

Educadores ouvidos pela reportagem mostraram opiniões diferentes sobre o tema. Os mais críticos dizem

ver um estímulo para que o aluno tire nota baixa pensando na possibilidade de ganhar o dinheiro e um combate equivocado do problema.

Para outros, trata-se de um bom incentivo para comparecimento ao reforço (leia mais na página C3).

O pagamento a alunos com dificuldade integra o projeto da Secretaria da Educação em que 400 bons estudantes do ensino médio da rede estadual darão tutoria (atividades de reforço) em matemática para 1.200 alunos do 6º e 7º anos.

A gestão Alberto Goldman (PSDB) decidiu dar o “vale-

presente” aos alunos com notas baixas para estimular a presença às atividades, que não são obrigatórias.

Durante o desenvolvimento do projeto, levantou-se a possibilidade de que houvesse muitas faltas dos estudantes e até mesmo desistências. Chegou-se a pensar em sorteios de notebooks.

O reforço começa no mês que vem. O projeto é piloto e pode ser ampliado. A rede tem 4,2 milhões de alunos.

MÉDIAS BAIXAS

Exames estaduais e nacionais mostram que matemática é o ponto mais crítico do

ensino público, tanto em São Paulo como no país. Na última avaliação paulista, chegou a haver recuo na média no ensino médio.

A **Folha** conversou com professores da rede, que mostraram preocupação com o pagamento aos alunos. A principal é que eles poderão tirar notas baixas apenas para integrar o reforço e ganhar o dinheiro.

Os participantes do projeto serão escolhidos com base nas notas do Saresp e boletins escolares. As inscrições começaram no dia 4 e terminam hoje, no site www.multiplicandosaber.org.br.

Para isso, é preciso que a escola do estudante tenha sido uma das 441 escolhidas. Os estudantes-tutores ganharão bolsa de R\$ 115.

O projeto é financiado pelo governo, Banco Interamericano de Desenvolvimento e parceiros. Também participam a Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) e docentes da USP.

» LEIA MAIS na pág. C3

“Isso é ruim para a educação das crianças e jovens: ‘Só me mexo se me pagarem’

LISETTE ARELARO
professora da USP

**O dinheiro pode ser um bom “start” [início].
O aluno é estimulado a comparecer ao reforço**

SILVIA COLELLO
docente da Faculdade de Educação da USP

ANEXO 2

“Vale-presente” pode ser negativo, dizem educadores

Professores veem chance de aluno forçar nota ruim para ganhar o dinheiro; outros elogiam incentivo à frequência

“Parece que está sendo dado um brinde aos que vão mal”, diz professora da Unicamp sobre o termo “vale-presente”

DE SÃO PAULO

Educadores ouvidos pela reportagem tiveram avaliações diversas em relação à iniciativa de dar dinheiro ao estudante com notas baixas que participe do reforço.

Pesquisador do Insper (ex-Ibmec SP), Eduardo Andrade diz que o projeto de tutoria é “interessante”, mas o pagamento aos alunos pode ter um “efeito colateral”: os não escolhidos terão incentivo a não irem bem nas provas, para poder ganhar o dinheiro.

“Seria interessante que os pupilos, para ganhar o pagamento, comprovassem algo adicional além da frequência nas tutorias, como por exemplo a realização de exercícios de reforço”, diz Andrade.

Para a professora Angela Soligo, da Faculdade de Educação da Unicamp, os alunos mais pobres poderão, de fato, forçarem notas baixas para ganhar os R\$ 50. “Mas essa não deve ser a regra.”

Ela critica apenas o fato de o pagamento ser chamado de “vale-presente” pelo governo. “Dessa forma, parece que está sendo dado um brinde aos que vão mal.”

A coordenadora do curso de pedagogia da Unicamp, Maria Marcia Malavazi, disse ver no projeto um sério risco de fracasso porque utilizará alunos e professores não treinados suficientemente.

Além disso, o projeto ataca a periferia e não a questão central do problema de qualidade de ensino. São, para ela, medidas paliativas e distantes de um investimento correto para a melhora de qualidade — como aulas em período integral.

“Remunerar o aluno para ele frequentar o reforço significa constatar que os nossos

alunos não são motivados para as salas de aulas. Significa dizer que o problema é muito mais grave. Não podemos pensar que essa seja uma forma ideal de trazer o aluno para sala de aula com uma remuneração de R\$ 50. É lamentável”, afirmou ela.

A presidente da Apeoesp (sindicato dos professores), Maria Isabel Noronha, diz que o projeto como um todo é ruim porque a questão principal do problema não está sendo combatida.

Uma delas é oferecer uma remuneração adequada para os professores e, com isso, estimular a procura à carreira de profissionais de qualidade, principalmente de matemática, em deficit na rede.

“O Bolsa Família tenta combater o trabalho infantil, é uma outra discussão. Mas pagar para um aluno ter aulas é uma coisa que eu nunca vi”, afirmou ela que diz ver um “caráter eleitoreiro”.

(FÁBIO TAKAHASHI e ROGÉRIO PAGNAN)

Jornal Folha de S. Paulo, 13/08/2010, Cotidiano C3.

Recebido em outubro de 2012.
Aceito em novembro de 2012.